

NOTA INFORMATIVA No 5.2018 | 17.05.2018

Exportações caem 52% entre 2012-17, mas começam recuperação

Produtos não petrolíferos ganham terreno muito lentamente

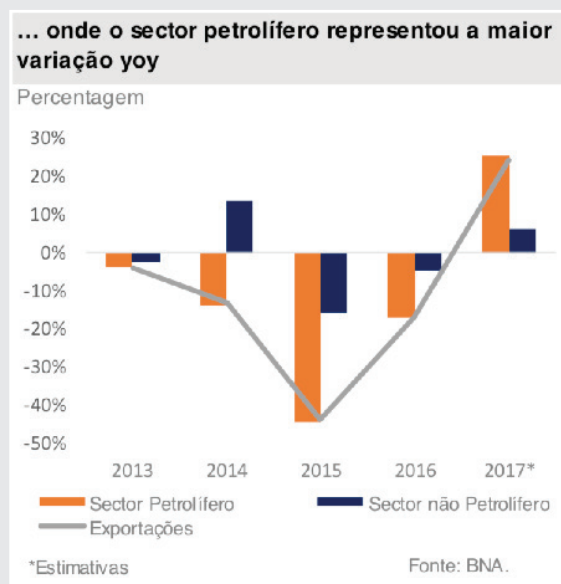
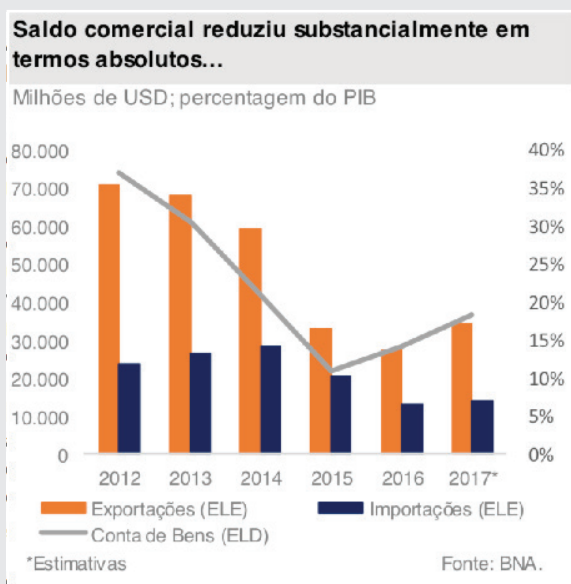
A. DESCRIÇÃO

1 - O saldo comercial da balança de bens tem vindo a reduzir consideravelmente, nos últimos cinco anos, tendo perdido 57% do seu valor absoluto entre 2012 e 2017. O superávit existente diminuiu de USD 47,4 mil milhões em 2012 para USD 20,4 mil milhões em 2017; em percentagem do PIB observou-se uma quebra de 19 pontos percentuais (p.p.) no saldo, face aos 37% registados em 2012.

2 - Embora o saldo tenha vindo a diminuir desde 2012, a quebra mais significativa verificou-se entre 2014 e 2015, de USD 30,6 mil milhões para USD 12,5 mil milhões (-59% yoy). Dada redução foi causada pela queda nas exportações, tendo-se verificado uma diminuição de USD 26 mil milhões entre 2014 e 2015. Por outro lado, a quebra das importações, em USD 7,9 mil milhões, não foi suficiente para compensar esta diminuição das exportações. **Segundo dados preliminares, o saldo voltou a recuperar, de USD 14,6 mil milhões em 2016 para USD 20,4 mil milhões em 2017,** com o aumento de USD 6,8 mil milhões nas exportações a mais que compensar a recuperação ligeira (7% yoy) das importações.

3 - No caso das exportações, verificou-se um decréscimo de 52% nos últimos cinco anos, de USD 71,1 mil milhões em 2012 para USD 34,4 mil milhões em 2017. Em percentagem do PIB, as exportações representam agora 31%, menos 24 p.p. que em 2012. **Esta diminuição resulta da queda nas exportações do sector petrolífero - que representa cerca de 95% das exportações; a diminuição foi de USD 36,7 mil milhões desde 2012.** Entre 2014 e 2015, o declínio foi de USD 25,8 mil milhões (-44,7% yoy).

4 - Por outro lado, o sector não petrolífero apresentou um decréscimo de 6% nos últimos 5 anos. Entre 2014 e 2015, as exportações destes produtos diminuíram USD 241,8 milhões (-16% yoy). Porém, devido ao reduzido peso destas exportações (cerca de 5% do total), esta queda não teve grande impacto no saldo.



B. ANÁLISE

1- As exportações angolanas de hidrocarbonetos são constituídas por 3 produtos:

- **Exportações de petróleo bruto: 94% em 2017;**
- **Exportações de gás natural: 5% em 2017;**
- **Exportações de refinados de petróleo: 1% em 2017.**

2 - Em termos absolutos, o petróleo bruto foi o produto que perdeu mais do seu valor entre 2012 à 2017 (-55%). Esta quebra ocorreu devido ao declínio acentuado dos preços (USD 111,6 em 2012 para USD 54,3 em 2017 por barril); o volume, por outro lado, teve oscilações positivas e negativas, mas ficando em 2017, 45,9 milhões de barris abaixo do verificado em 2012.

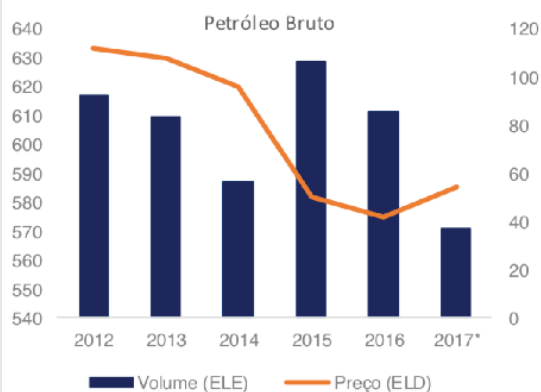
3 - Os refinados de petróleo, em contrapartida, apresentaram um comportamento minimamente estável tendo decrescido apenas 8,6% nos últimos cinco anos, embora o volume exportado tenha crescido 94% durante o mesmo período (de 664,75 mil toneladas métricas em 2012, para 1.289 em 2017); dado decréscimo foi resultante da diminuição significativa do preço para USD 410 por tonelada métrica em 2017 (USD 775 em 2012).

4 - O gás natural, por sua vez, apresentou um crescimento de 385,7% entre 2012 e 2017 (de USD 329,9 milhões para USD 1,6 mil milhões). De facto, o sector de gás natural registou um aumento bastante expansivo em volume atingindo recordes de produção em 2016 e 2017 (com variações de +296,2% yoy e +250,7% yoy respectivamente). No entanto, o preço, como de todos os outros hidrocarbonetos, registou uma quebra considerável, menos de 64% do valor entre 2012 e 2016 (USD 65,1 por barril em 2012). Em 2017, por sua vez, quando comparado ao preço do Brent, o preço do gás apresentou uma recuperação mais sólida (+76% yoy).

5 - Para uma análise mais detalhada, olhamos para a lista de destinos da exportação de petróleo bruto. Comparando o top 10 dos destinos das exportações entre 2012 e 2017, podemos verificar que **embora as exportações tenham caído substancialmente mantiveram-se os destinos das mesmas, sendo a China e Índia os nossos (1º e 2º) maiores compradores.** Por outro lado, os EUA caíram da 3ª (2012) para o 7ª posição, tendo o Canadá se tornado o nosso 3º maior comprador de petróleo Bruto em 2017. De igual modo, verificamos que Portugal, que era o nosso 7º maior comprador em 2012, deixou de constar no top 10 dos destinos em 2017, dando lugar à Indonésia, que se tornou o 9º maior comprador.

Aumento de produção minimiza impacto da quebra robusta de preço no sector petrolífero

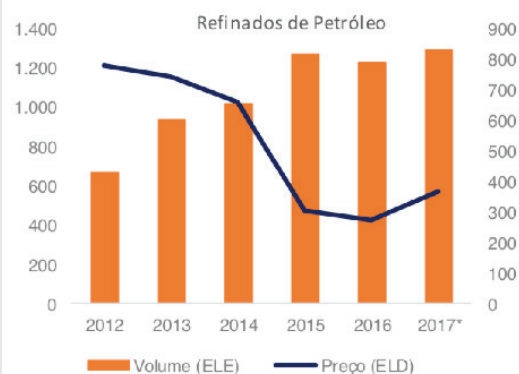
Milhões de barris; USD por barril



*Estimativas

Fonte: BNA.

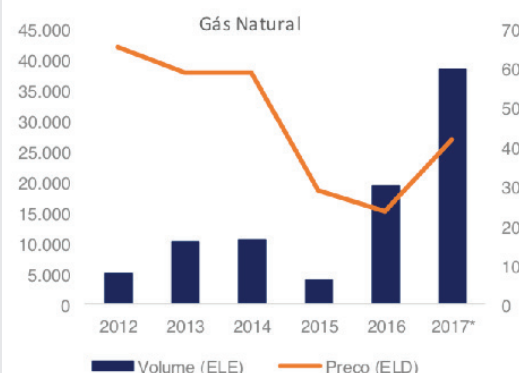
Mil ton métricas; USD por ton métricas



*Estimativas

Fonte: BNA.

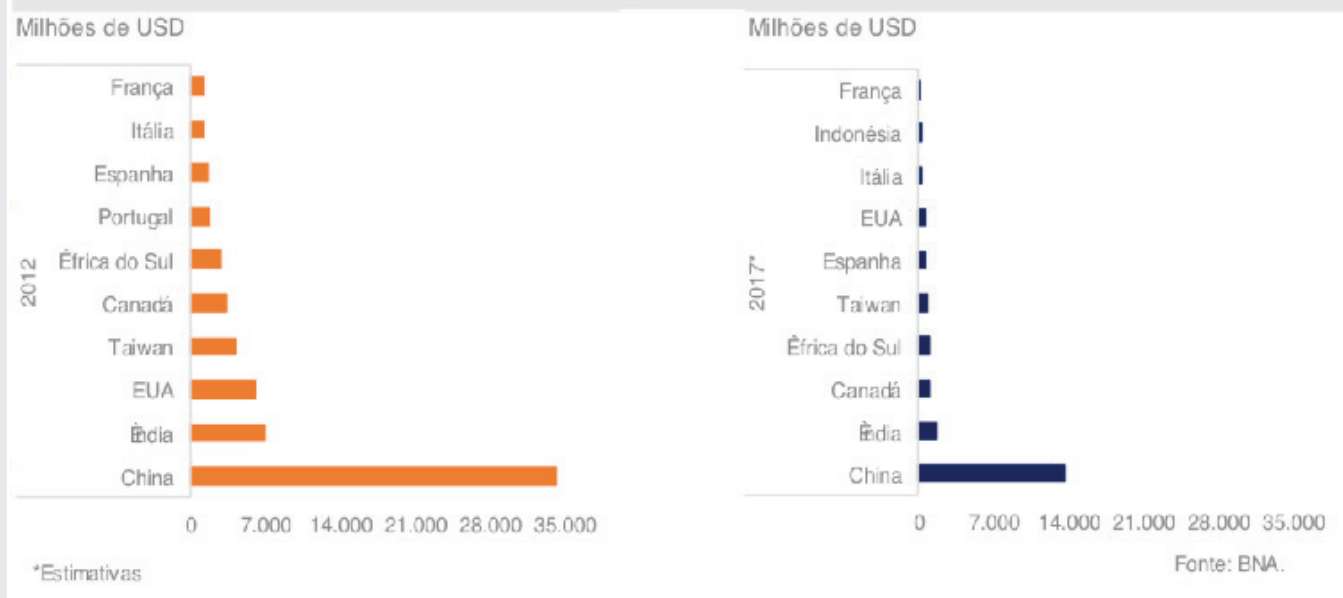
Mil barris; USD por barril



*Estimativas

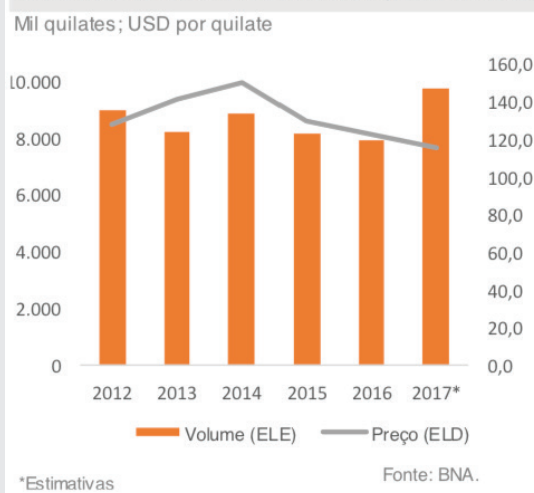
Fonte: BNA.

Top 10 dos destinos das exportações de petróleo bruto em 2012 e 2017



6| Para o sector não petrolífero, os dados do BNA apenas identificam as exportações de Diamantes (85% das exportações do sector), e um conjunto de outros produtos: café, cimento, granito, mármore, madeira, pescado e marinha e aviação. Os dados mostram que no período de 2012 a 2017 o volume de diamantes exportados cresceu 8,2% incrementando as exportações por 741 mil quilates. Porém devido à queda de -9,94% dos preços, as receitas diamantíferas caíram USD 29,4 milhões em 2017 (USD 1,2 mil milhões em 2012). Dentro dos outros, destacam-se principalmente o pescado, e marinha e aviação, com respectivamente 10% e 4% (em média) do peso do sector. As vendas do pescado cresceram 94% de 2012 a 2017, totalizando USD 49,6 milhões; por outro lado, a marinha e aviação decresceram consideravelmente tendo perdido 64,7% do seu valor, de USD 191 milhões em 2012 para USD 67,5 milhões em 2017.

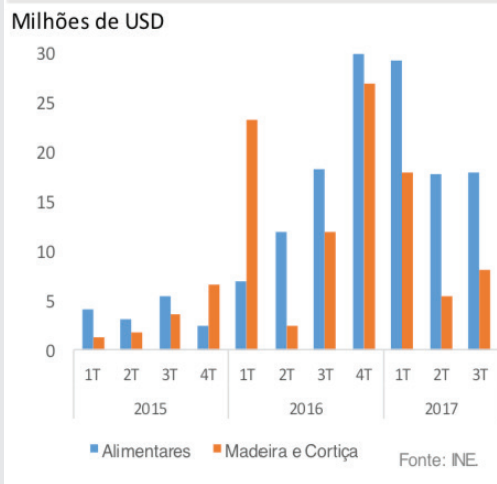
Volume diamantífero exportado cresce mantendo receita média em USD 1,4 mil milhões



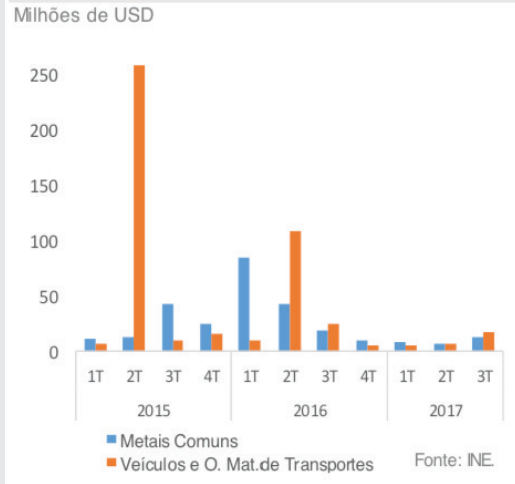
7 - Os dados do INE permitem olhar para um grupo diferente de produtos. Analisando apenas os primeiros três trimestres¹, entre 2015 e 2017, os sectores não-petrolíferos com maior crescimento foram os alimentares (+405,5%) e a madeira e cortiça (+371,6%). Em termos absolutos os mesmos representam um aumento das exportações por USD 52,3 milhões (alimentares) e USD 24,9 milhões (madeira e cortiça) em 2017. Além disso, os minerais e minérios apresentaram um ligeiro aumento de USD 3,1 milhões. Por outro lado, os restantes grupos de produtos decresceram durante o período em causa. A queda mais impactante foi sem dúvida a dos veículos e materiais de transportes que perdeu USD 247,1 milhões do valor das suas exportações entre 2015 e 2017, um decréscimo de 89,2% em valor. Por outro lado, os metais comuns tiveram exportações no valor de USD 28,9 milhões nos três trimestres de 2017, que decresceram 58,2% em relação ao mesmo período de 2015.

¹ Os dados do INE apenas permitem analisar o sector desde 1T de 2015; antes deste período os dados não eram recolhidos com tanto detalhe; a análise foi elaborada utilizando apenas três trimestres de 2015 e 2017, já que os dados do 4T de 2017 não foram ainda publicados.

Produtos alimentares, de madeira e cortiça com performance crescente nos 3T, desde 2015...



... por outro lado metais comuns, veículos e o materiais de transportes caíram mais que metade



8 - Sendo que nem o BNA ou o INE apresentam dados dos países para os quais Angola exporta produtos não petrolíferos, utilizamos um cruzamento de dados entre as duas fontes, para chegar a um resultado preliminar². Assim, estes dados parecem indicar um conjunto de destinos para onde mais se exporta produtos não-petrolíferos, no qual se destacam os Emirados Árabes Unidos, país para onde as trocas comerciais não petrolíferas (incluindo exportações e importações) superaram os USD 1.6 mil milhões . É necessário ressaltar que esta é uma comparação com as suas limitações pois os dados são de fontes diferentes. O cruzamento com outros dados de diferentes fontes permitir-nos-á chegar a conclusões mais definitivas no futuro.

Caixa - Direitos aduaneiros: nova Pauta e futuro das taxas aduaneiras

1 - Foi aprovada em Diário da República a Pauta Aduaneira (versão de 2017), que assim deverá entrar em vigor a 9 de Agosto de 2018. Ainda que esta mereça uma análise bastante mais extensa, podemos já destacar alguns aspectos positivos desta nova Pauta.

- Isenção de taxas da generalidade de factores de produção**, em particular de máquinas. No caso destas últimas, com excepção das máquinas para uso pessoal (electrodomésticos vários, computadores, calculadoras, aparelhos de ar condicionado), quase todas as máquinas novas importadas são isentas de direitos aduaneiros e imposto de consumo.
- Possibilidade de desalfandegamento prévio**, que consiste na declaração e desalfandegamento de mercadorias antes de sua chegada ao país, mediante a apresentação da documentação necessária.
- Possibilidade de apresentação de Declaração Incompleta**, pela qual as mercadorias já em território aduaneiro podem ser desalfandegadas mediante a apresentação do Documento Único até 30 dias depois.
- Classificação Pautal Prévia**, um procedimento mediante o qual o importador poderá obter, sob pedido do mesmo, a classificação pautal e correspondente taxa aduaneira do produto a importar, de modo a que este possa aferir a viabilidade económica da importação antes da mesma.

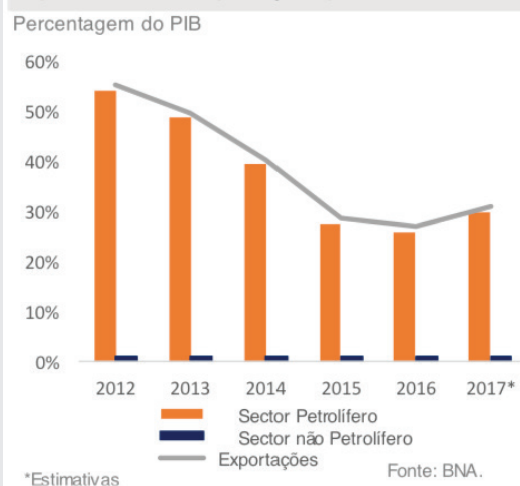
2 - A intenção das autoridades é de aderir à Zona de Comércio Livre da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) em 2019. Além disso, Angola é signatária da Zona de Livre Comércio Continental Africana, que deverá entrar em vigor após a ratificação pelos Parlamentos nacionais de 22 dos países que estão neste acordo. Ambos os acordos deverão levar a uma descida das taxas aduaneiras no médio-prazo, abrindo o mercado angolano a África, ao mesmo tempo que abrirá igualmente o mercado africano às exportadoras angolanas.

² No caso, utilizamos os dados de 2016 das exportações por principais parceiros do INE e subtraímos o valor dos destinos das exportações de petróleo bruto do BNA do mesmo ano; obteve-se assim uma indicação sobre os países que compram produtos não petrolíferos de Angola.³ <http://gulftoday.ae/portal/c10e6a74-3661-4fb2-9cb7-2f7957f1c9fd.aspx>

CI CONCLUSÃO

1 - A balança comercial de bens é dependente de um número reduzido de produtos e mercados de destino. Dada concentração é resultante da reduzida diversificação, o que torna o saldo comercial demasiado exposto às mudanças que acontecem no mercado, em especial no mercado petrolífero. Por exemplo, ao analisar **os destinos das exportações petrolíferas, é visível que as mesmas subsistem concentradas em um número reduzido de mercados**, visto que o top 10 de países em 2012 é igual a 2017 com a excepção da saída de Portugal e entrada da Indonésia em 2017; embora isto possa ser um indicativo de que Angola tem boas relações com certos países, a consequência é um maior grau de vulnerabilidade das exportações, pois mudanças na economia desses países podem ter consequências significativas na economia angolana.

Economia nacional é maioritariamente dependente das exportações petrolíferas



2 - Apesar do petróleo bruto ainda dominar as exportações, é claro o ganho de importância económica do gás natural. De facto, o volume de gás natural exportado duplicou sucessivamente nos últimos dois anos, sendo esperado novo aumento em 2018.

3 - O sector não petrolífero permanece pouco significativo no total das exportações, e é ainda dominado, em valor, pela exportação de diamantes, com mais de 80% do valor das vendas deste sector. De qualquer modo, outros produtos deste sector, como pescado, a marinha e aviação, alimentares, e a madeira e cortiça apresentam um grande desenvolvimento, mostrando promissoras possibilidades de crescimento. Ainda assim, este processo deverá estar dependente da correcção do actual défice em infra-estruturas (de transporte, produção e distribuição energética) nacionais, que será essencial para um verdadeiro processo de industrialização.

4 - De um modo geral, existem muitos défices no mercado das exportações angolanas, sendo que a diversificação da economia será a palavra de comando para solucionar alguns dos problemas-chave. A criação de condições para a exportação por parte das autoridades será fundamental, devido à ainda existente carga burocrática e logística associada ao processo de exportação.

Esta publicação destina-se exclusivamente a circulação privada. A informação nela contida foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. As recomendações destinam-se exclusivamente a uso interno, podendo ser alteradas sem aviso prévio. As opiniões expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores, reflectindo apenas os seus pontos de vista e podendo não coincidir com a posição do BFA nos mercados referidos. O BFA, ou qualquer afiliada, na pessoa dos seus colaboradores, não se responsabiliza por qualquer perda, directa ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou seus conteúdos. O BFA e seus colaboradores poderão deter posições em qualquer activo mencionado nesta publicação. A reprodução de parte ou totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte. Os números são expressos utilizando o ponto como separador de milhares e a vírgula como separador decimal e utilizando a designação de “milhar de milhão” para 10^9 .